



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LILIAN GAELZER WERTHEIMER

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-75

Entrevistada: Lílian Gaelzer Wertheimer

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Eneida Feix

Data da entrevista: 13/03/2003

Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: (02 fitas) 75/01-A, 75/01-B, 75/02-A e 75/02-B

Total de gravação: 120 minutos

Páginas Digitadas: 18

Catálogo: Ivone Job

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02137/2010/01

Número de registro da fita: 02137/2010/01

Observações: Após a leitura, a entrevistada alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

WERTHEIMER, Lílian Gaelzer. *Lílian Gaelzer (depoimento, 2003)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Experiências e vivências de seu pai Frederico Guilherme Gaelzer: local de nascimento, formação acadêmica, período de estudos na Alemanha, nos Estados Unidos, envolvimento com a Recreação e Lazer, retorno ao Brasil, seu lado afetivo, filosófico, discussão sobre o pioneirismo de Porto Alegre na recreação pública, vivências no México, no Uruguai, envolvimento com a ACM, com as praças de esportes, jardins de infância, implantação das praças públicas de Recreação e Lazer em Porto Alegre, colônias de férias, supervisão das praças, relacionamento com as pessoas, família, amigos importantes, Parque Tenístico José Montauray, falecimento.

Porto Alegre, 13 de março de 2003. Entrevista com Lílian Gaelzer.

L.W. – Vamos começar com as experiências minhas com meu rico e lindo pai, com mamãe, a minha irmã Lenea¹ e as coisas todas...

E.F. – A vida da família Gaelzer...

L.W. – Exato. Principalmente como o educador, o amado que ele era, uma pessoa muito rica em experiências e vivências. Eu acho que seria interessante nós falarmos das características de Frederico Guilherme Gaelzer. Ele nasceu em Novo Hamburgo² com os pais de origem alemã. Portanto, a avó Ema Bender Gaelzer e o pai dele, Guilherme Gaelzer Neto. Meu pai passou a sua primeira infância no Brasil e depois foi estudar o que seria, vamos dizer, eu acho que, na época, o ginásio e o “segundo grau”, na Alemanha, e lá ele ficou interno em um colégio. Nesse meio tempo, ele veio para o Brasil em férias e estava por prestar, o que seria um vestibular, para entrar na Marinha. Ele fez este tal de vestibular e ficou, mas toda a sua família estava em férias na Europa, e a minha avó veio a falecer nesta viagem. Ele era o único filho que estava no Brasil, que não estava com ela na hora da morte. Não pôde ficar junto com a família, porque, justamente, ele ia fazer essa prova de ingresso na Marinha. Não era o que ele queria. Depois ele ria muito porque não era o objetivo dele. Mas, como ele tinha uma grande figura na família materna, que era Tio Hoffman, um Marechal da Marinha, então queriam que ele continuasse, botasse os Hoffman e os Bender dentro da Marinha. Ele fez a prova, mas não passou.

E.F. – Quando ele foi estudar na Alemanha, a família toda foi junto?

L.W. – Não. Eles foram para a Alemanha apenas a passeio.

EF. – E então, como o Gaelzer encaminhou a sua trajetória profissional?

L.W. – Depois disso, ainda bem jovem, já tinha, eu acho, ao redor de vinte anos, resolveu fazer um curso nos Estados Unidos. Em princípio este curso seria de medicina. Ele

¹ Lenea Gaelzer.

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

frequentou a Universidade de medicina por três anos. Aí ele se deu conta que não era o que ele queria e foi para a filosofia. Quando ele estava fazendo medicina, já estava fazendo também psicologia. Então, se deu conta que era a parte humanística que ele apreciava. Nesse meio tempo, abandonou a medicina, verificou que em Chicago³, na Universidade de Illinois, tinha o Curso de Educação Física Recreação e Lazer. Lá formou-se e começou a trabalhar. Nesse meio tempo, conheceu uma moça sueca Mrs. Eba – eu acho que não era nascida na Suécia, mas era de pais suecos – e como ele dizia: ele não casou com ela. Ela que casou com ele. Tinha cinco anos mais do que ele, se apaixonou e casou com ele. Bom, casou e teve uma filha que se chamava Graece Luyse. Nesse meio tempo, ele já estava trabalhando, lecionando e vivendo no Campus da Universidade de Chicago. Até o momento – eu acho, não posso te precisar, Eneida, porque já tinha a Lei Seca no Estados Unidos, então, deve ser da época dos Gangster's e que ele viveu lá, nessa época - então, ao redor de 1921. Isso ele contava: que ele vinha vindo do campus da Universidade, ia para a casa dele e sentiu o perfume de Jasmim. Ele disse que procurou uma calçada, perto do cheiro e começou a chorar e disse: -“Esse é o cheiro do Brasil e eu vou embora deste país”. Ele nunca se naturalizou americano, apesar da pressão para que isto fosse feito. Ele chegou na casa dele, comunicou para a Mrs. Eba que eles iriam se radicar no Brasil.

E.F. – Se ele saiu dos Estados Unidos em torno de 1921, 1922, ele foi ao México...

L.W. – Sim. A Argentina, vamos dizer, Buenos Aires⁴, Uruguai, México mesmo, não eram tão desconhecidos nos Estados Unidos, como o Brasil. Então, ele queria fazer o melhor para a família e foi tentando estes lugares porque não queria ser tão bairrista e vir logo para Porto Alegre, Rio Grande do Sul - estado natal dele - para trazer a família americana para cá. Então, ele disse: “Quem sabe eu tentando em outros lugares, eu posso adaptá-las melhor nesses lugares que a diferença cultural não é tão grande”.

E.F. – Então, ele passou por esses países e morou uns dois anos no Uruguai?

³ Cidade Norte-Americana.

⁴ Cidade capital da Argentina.

L.W. – Exatamente. Ele ficou menos tempo no México do que no Uruguai. Porque também pediram para que ele implantasse a ACM⁵ lá no Uruguai. Se tu fizeres um paralelo de tempo de implementação da ACM no Uruguai, as datas vão fechar com esta época.

E.F. – Porque tem uma matéria de jornal que eu garimpei, datada de 1924, e não dizia qual era o jornal. Então, eu fui pesquisar todos os jornais de 1924. Pesquisei o Jornal Federação e descobri que não era, pelo tipo de reportagem, de letra. Depois “varri” todos os jornais do ano de 1924 e descobri que era matéria do Jornal do Correio do Povo. Aí fui lá na Caldas Júnior⁶, no arquivo e, essa matéria que teria que ser de 1924, não era. Não fechava. A arquivista do Correio do Povo, pelo papel, descobriu que era ano de 1923. Nessa matéria dizia: “O então jovem recém chegado dos Estados Unidos, professor Frederico Gaelzer, falando sobre esporte, atletismo”. E isso é em 1923. Então, eu calculo que ele possa ter ficado no Uruguai em torno de dois anos.

L.W. – Ele deve ter ficado, suponho eu, uns seis ou sete meses no México, porque foi uma coisa passageira...

E.F. – O que conta na biografia é que ele se formou em 1921 em Chicago. Pós a formatura, ele deve ter ido até o México...

L.W. – Exatamente. Porque antes de estar formado, ele já estava vinculado à Universidade e além de estar vinculado, dando aulas, suponho, como estagiário, ele já trabalhava – tenho fotografias – na polícia de Chicago. Então, ele não estava formado ainda. Quando ele viu a possibilidade de vir para o Brasil e que ele teve o impulso de retornar a terra... Antes disso, o impulso maior foi de tentar México, Uruguai que já ficava mais próximo ao Brasil, para justamente não ser uma defasagem tão grande de educação e princípios. Ele foi para o Uruguai. Do Uruguai ele veio para cá.

E.F. – Passou do México para o Uruguai porque o Brasil era estigmatizado nos Estados Unidos. Implantou a ACM no Uruguai, viu as praças de desporto.

⁵ Associação Cristã de Moços.

⁶ Rua do Centro de Porto Alegre.

L.W. – Chegou ao Brasil em 1923, sozinho, sem a família, aguardando a vinda da esposa e filha americanas, que tinham estabelecido que o acompanhariam, mas a esposa propôs que ele viesse antes e organizasse tudo no Brasil, para ela e a filha posteriormente virem. A minha irmã americana era muito parecida comigo. Meu pai veio e preparou tudo. Hoje em dia, ainda tem na rua Santo Antônio⁷, número 710, a casa que ele comprou. Ele organizou a casa com tudo do melhor, tudo que poderia ser de mais moderno para ela se adaptar. Aí ela começou a protelar a vinda, que tinha muito medo das cobras que andavam pela rua, dos mosquitos, da febre amarela. Ele foi tentando até 1925. Meados de 1925, eu acho que em maio, ele conheceu a minha mãe, a Georgina Alves e começaram a namorar. Ela foi uma mulher muito forte e muito avançada para época, porque dia 23 de dezembro de 1925, ela foi viver nessa casa com o meu pai, sem casamento, porque ele era casado nos Estados Unidos. Com todas as agruras que poderiam ter, sociais, de pai, mãe, familiares tanto da parte dela como do lado dele. Porque ele tinha o pai Embaixador, que vivia na Europa, na Alemanha, e era de princípios rígidos.

E.F. – Na casa de Santo Antônio, em dezembro de 25, um dia antes do natal?

L.W. – Na rua da casa Santo Antonio, em dezembro, eles já passaram o Natal lá. Depois disso, a mãe disse que ficou surpreendida com a casa porque tinha o melhor do melhor, que não era uma coisa usual. Ela correu este risco. Naquela época, ela era uma mulher precursora, uma mulher de “M” maiúsculo. Na sequência disso, o meu pai já começou a trabalhar com lazer e recreação na Prefeitura de Porto Alegre.

E.F. – O professor Gaelzer veio para o Brasil querendo colocar as ideias e as aprendizagens dele dos Estados Unidos, no que tangia a recreação e o esporte público. Implementou este trabalho em Porto Alegre. A grande discussão é este pioneirismo em Porto Alegre, tanto no Brasil como na América do Sul. E eu tenho estudado e olhado um pouco da história das praças do Uruguai, da América Latina, e esses trabalhos foram concomitantes nessa época de 1926 a 1930. Eu queria que tu falasses um pouco dessa história da “praça de despuertes” do Uruguai. Se eles tinham a mesma conotação do Brasil e se Porto Alegre foi, realmente, pioneira nesta questão dos “jardim de recreio”, das praças. Como funcionou? Porque, nós temos materiais do Uruguai que as “praças de despuertes” já

⁷ Rua de Porto Alegre

existiam antes de 1926. Já existiam praças no Uruguai no início do século. Então, a nossa dúvida é que se esse pioneirismo do Brasil e na América Latina de “jardim de recreio”, era modelo do Brasil que depois o Uruguai copiou e só existiam as “praças de despuertos”. Como que fica isso?

L.W. – O que eu sei, era comentado pelo meu pai. Ele tinha estado no Uruguai. Não sei te dizer quanto tempo, mas ele morou no Uruguai fazendo trabalho na ACM, e no âmbito governamental do Uruguai. Paralelo ao trabalho da ACM, ele também fez as praças de esportes no Uruguai. Antes de ele vir para o Brasil, ele queria deixar a sementinha lá. Porque era isso que ele tinha vivenciado nos EUA, aprendido e queria propagar na América Latina e tanto é que – não sei se eu já comentei sobre o México – que ele também viveu no México, depois que saiu dos Estados Unidos. Esteve para ver se realmente viria para Porto Alegre fixar residência. Antes do Uruguai, ele esteve no México. Isso eu me lembro muito bem. Ele tinha, com muito orgulho, um “amuleto de pena” presenteada por um índio mexicano. Era como se fosse um troféu. Essa tribo indígena tinha dado para ele esta pena, por ele ter colaborado tanto com esses índios. Ele sempre dizia que os mexicanos eram criaturas de muita fibra, presença e que, nos jogos, nas atividades todas, sempre diziam assim: “*México no pierde. Cuando pierde, arebata*”. Alguma vantagem o México queria sempre levar. Então, depois disso é que ele foi para o Uruguai e fez o que tinha que fazer, paralelo a ACM.

E.F. – Em 1926, ele foi nomeado?

L.W. – Sim, ele queria implantar no Brasil a recreação e o lazer porque tinha estudado e vivenciado nos Estados Unidos. Ele queria usufruir das experiências e vivências dos Estados Unidos e nos colocar, nós brasileiros, num enfoque precursor do lazer e recreação na cidade em Porto Alegre. Uma coisa que meu pai sempre dizia é que as pessoas em qualquer idade deveriam viver prazerosamente. Características que eu te digo dele: ele era um empreendedor, com ideias avançadas para a época. Ele tinha um lado lúdico maravilhoso.

E.F. – O senhor Licht⁸ fala que ele tinha uma energia de viver, que onde ele ia enchia o ambiente, que ele tinha alegria, era um homem envolvente, sedutor, onde ele passasse ele conquistava as pessoas.

L.W. – Exatamente. Ninguém esquecia ele, porque era idealista, marcante como pessoa, sonhador, porque ele dizia uma coisa que eu já disse para as minhas filhas, e digo para os meus sobrinhos: “A felicidade é a realização dos teus sonhos. Se tu não sonhas, tu não és feliz. É uma coisa conseguida e é uma filosofia”.

E.F. – Então, tinha na família Gaelzer um estado de felicidade movido pelo lado afetivo, do respeito às pessoas e do prazer. E o professor Gaelzer veio ao Brasil proporcionar este tipo de experiência dos Estados Unidos, no âmbito da recreação e do lazer para as pessoas da cidade de Porto Alegre. E ele falava nos jardins de recreio no Uruguai? Essa é a nossa dúvida. Como eram essas praças?

L.W. – Tudo era muito precário em Porto Alegre, no Brasil. O trabalho em praças começou pela Praça Alto da Bronze.

E.F. – Mas a dúvida era exatamente essa: se realmente as “praças de despuertes” dos países da América Latina, tinham equipamentos físicos de desporto e de “recreio”, como Jardins de infâncias, incluídos nos espaços públicos, como foi o modelo instituído pelo Professor Gaelzer em Porto Alegre.

L.W. – Eu imagino que não, porque o que ele passava para mim era que ele queria ter um modelo de praça parecido com a ACM. Ele fez um paralelo das “praças de esportes” do Uruguai com a ACM, somando então, o esporte com a recreação e o lazer nos espaços públicos. Porque a ACM era restrita, não digo elitista, mas já tinha uma característica de clube, com entrada de apenas sócios, Ele queria dar acesso a todas as pessoas o direito de usufruir da recreação e do lazer em espaços públicos.

E.F. – Ele conta isso nos textos deles que ele gostaria que as pessoas tivessem acesso a todos os lugares, todas as classes sociais. Ele dizia que os clubes e as entidades privadas

⁸ Henrique Felipe Bonnet Licht.

permitiam pouco acesso de lazer e recreação. E que as praças seriam um meio de proporcionar essas atividades.

L.W. – Exatamente. Então, eu vou te dizer mais: porque ele - depois disso, anos e anos, quando ele formou o Serviço de Recreação Pública – quis tanto fazer os balneários que, agora tem tanta ênfase. Ele levava todas as crianças para poderem aprender a nadar no Guaíba. Todas as crianças dos colégios primários, tanto do município como do estado, deveriam aprender a nadar e ter lazer. Aproveitar o tempo livre.

E.F. – ACM que tinha os jardins de infância?

L.W. – Sim. A ACM já tinha, porque isso já veio em um molde. É como os Estados Unidos faz. Eles fazem um molde de uma associação e a aquela associação é respeitada de acordo com o molde daquilo que eles estipularam. A filosofia da ACM. Então, ele trabalhou na ACM no Uruguai também.

E.F. – Ele acreditava na democratização dos espaços de lazer...

L.W. – Total. Eu acho uma coisa muito interessante de tu colocares – não sei se tu tens conhecimento – mas aqui em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre, todas as praças e jardins não eram abertos fins de semana no princípio. Posteriormente, foram sendo abertas para o trabalho de Recreação Pública, pelo grande fluxo de famílias nos fins de semana. Tenho a lembrança do papai, que pegava um táxi, porque a prefeitura não tinha condução. Ele alugava um táxi e percorria as praças e jardins no fim de semana. Ele dizia que essas crianças, essas pessoas, jovens, adolescentes, tinham necessidade de ser canalizados a fazer recreação e lazer nessas praças. Jogar futebol, como lá em Petrópolis na Praça Tamandaré. Eu me lembro que ele colocou bocha para as pessoas de mais idade. Então, essas coisas era implementadas para os jovens, para as pessoas de mais idade e para as crianças terem recreação e lazer nos fins de semana.

E.F. – Ele pegava táxi para ir nas praças?

L.W. – Sim, para checar se estavam sendo abertas. Isso eu sei porque eu ia junto. Era pequena e achava um máximo andar de táxi, porque, naquela época, passear de carro não era usual. E eu ia correndo de cima para baixo nas praças, comia pipoca, que era o mais gostoso do passeio todo [riso], de mão com ele. Ficava louca de ciúmes quando ele amorizava e beijava as crianças da minha idade. Ficava com ciúmes: “Chega para lá. É meu pai” [riso].

E.F. – Então, vamos ter que retomar esta questão da Prefeitura, que fala que Porto Alegre tem o pioneirismo na América Latina dos “jardins de recreio”, com esta conotação de esporte e recreação e jardim de infância, mas havia um movimento que ocorreu paralelo na América Latina, e na Europa com implementação de “praças de esporte” nas cidades.

L.W. – Sim. Houve uma sequência disso.

E.F. – O Dr. Licht esteve no Uruguai e ficou muito impressionado com o trabalho, com as praças de desportos. Porque no relatório que encontrei do Uruguai, em 1900 já tinha as praças. Antes até do professor Frederico chegar no Uruguai.

L.W. – Lógico...

E.F. – Então, era um processo que estava acontecendo na América Latina.

L.W. – Sim. Mas acontece que ele salientou e deu peso para que isso acontecesse, porque ele estipulou este trabalho de praças e jardins de recreio em Porto Alegre. Pelo relato de Papai, esta modalidade de praça, com “jardim de recreio”, não tinha no Uruguai.

E.F. – Sim, Mas aparece no relatório do Ministério de Educação do Uruguai que já existiam mais quarentas praças, e nessas praças tinham os centros de bairros vinculados ao trabalho comunitário, sem relatos de “jardins de recreio”, antes de 1926.

E.W. – Exato. O papai com a formação em Educação Física e a experiência da ACM nos Estados Unidos, e baseando-se também no trabalho do Uruguai, pôde implementar e desenvolver a Recreação Pública de Porto Alegre, em 1926. Era o que o papai sempre

queria: que a comunidade daquele bairro pudesse usufruir do local. Outra coisa que ele também fazia quando nós saímos de táxi, o chamado carro de praça, era comprometer um líder na comunidade daquele bairro e, mais ou menos, deixava ele responsável pelo funcionamento. Não o supervisor da prefeitura e governo, mas que ele checasse para ver se realmente eles estavam abrindo, usufruindo. Se as crianças, os jovens, os senhores que queriam jogar futebol, tivessem quadra pronta e com um cronograma: de tal a tal hora era aquele time. Isso eu lembro. Eles se reuniam e esperavam pelo papai: “Ah, professor, eu sei que o senhor é o diretor e manda na praça”. Ele disse: “Eu não mando em nada. Vocês é que mandam. Vocês são donos”. “Não, porque tem um mal entendido. Nós botamos duas horas para jogar futebol e já tem um outro...”.

E.F. – Bom, temos nos recortes do álbum do professor Gaelzer as colônias de férias de Porto Alegre em torno de 1935 no *Yatch Club*⁹ e no *Country Club*¹⁰. Os dois lugares pioneiros em Porto Alegre foram lá...

L.W. – Sim, mas as crianças iam também para o Grêmio Náutico União¹¹ aprender a nadar porque não tinha piscina, era no rio e era um quadrado. Eu sabia nadar e me exibia. Achava um máximo. Era na Rua Voluntários da Pátria¹². Eu me lembro direitinho. Eu olhava e achava parecido com um castelo.

E.F. – Então, no Grêmio Náutico União tinha aquele quadrado, no próprio rio, com separação de tela protetora para as crianças brincarem e nadarem?

L.W. – Sim, também. Tenho absoluta certeza porque o papai, junto ao local que se nadava, controlava porque ele era remador. Ele saía a remar enquanto eu nadava.

E.F. – Então, tinham aulas de natação, porque o rio vinha até a Voluntários da Pátria, no caso.

⁹ Rio Grande Yacht Club, fundado em 9 de julho de 1934.

¹⁰ Porto Alegre Country Club, fundado em 30 de maio de 1930.

¹¹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

¹² Rua do Centro de Porto Alegre.

L.W. – Lógico. Era na beira da Voluntários. Então, ele embicava o carro na frente do União. Era um prédio de madeira, parecia um castelinho e tinha um “cucurutu” em cima do castelo. A gente lanchava, tinha cachorro quente, faziam de tudo. Então, ele juntava as crianças – não me lembro como nós íamos – mas me lembro que era uma criançada. Como a gente chegava lá, realmente eu não sei, porque eu era levada. E lá todo mundo, com a roupa de banho, numa sacolinha, se preparava para nadar. Estas roupas de banho tinham sido financiadas pelo empresário A. J. Renner¹³.

L.W. –. Mas eu tive vivência de ir no União que ficava na Voluntários. Na sociedade Sogipa¹⁴ também tinha colônia de férias. Eu sei que no União era natação e na Sogipa eram brinquedos de corrida do saco, estilo gincanas. Eu acho que é importante também colocar que depois esses clubes ficaram inacessíveis para o pessoal das vilas, dos grupos escolares dos colégios municipais, do governo. O papai começou então, a pensar em construir balneários públicos aqui do Guaíba. No Guarujá, eu me lembro dos banheiros na rua e tudo. Eu lembro também que ele conseguia com empresários amigos dele, ônibus para levar as crianças e esse pessoal das escolas, e umas cestas enormes que os padeiros levavam com os lanches das crianças. E as crianças amavam. Em uma semana a criança saía nadando. Isso eu me lembro. A meta do papai era que as crianças todas tivessem vivência com a água e não terem medo da água. Ser gratificante o contato com a água e saber nadar. Faziam exercícios, gincanas, coisas bem de recreação e lazer. Assim, formavam vários grupos – eu sei porque eu participava também – de crianças com algumas professoras e professores. Tinham rapazes e moças que levavam as crianças para tomar banho de chuveiro. As crianças saíam de lá com a higiene toda. Eles passavam o dia inteiro. Também era comprada uma série de esteiras e, entre o exercício e o banho pela manhã, dormia-se na esteira. Tinha que ter disciplina, porque tinha uns que levantavam, depois nadavam. Então, era recolhida a esteira e tinham outros exercícios. O aprendizado da manhã complementava o aprendizado da tarde.

E.F. – Esse soninho não era depois do almoço?

¹³ Antônio Jacob Renner

¹⁴ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

L.W. – Sim. Depois do lanche, das coisas que tinham comido e bebido, principalmente, leite, cálcio. O papai pregava e dizia que o leite era saudável para fazer bem aos dentes e aos ossos, e alface, para comer verdes, que era capaz até que os olhos ficassem lindos e verdes [risos]. Outra coisa também que eu lembro, é que havia um Ato Cívico. Primeiro era reunida as crianças, era trabalhado um programa de cantar o hino nacional, saber dobrar a bandeira, que era auxiliado pelos soldados do posto do exército da Serraria, zona sul.

E.F.- Tinha colônia no posto da Serraria?

L.W. – Naquele posto do exército. Algumas vezes, a gente passava a noite lá, dormíamos lá. O Papai fazia à noite o fogo do conselho. *Era* mágico para as crianças. Elas deitavam no chão para ver as estrelas. E os professores a mostrar o nome das estrelas. Se cantava também. Se reuniam grupos e tinha apresentações. Fazia-se um teatro do que tinham passado no dia, do que mais havia impressionado.

E.F. – Tinha ideia do número de crianças?

L.W. – Eram muitas...

E.F. – Cem? Cento e poucas?

L.W. – Não. Não tanto. Eu acho que devia dar uns dois ônibus. Umas sessenta crianças. Se doavam as roupas, toalhas, saída de banho. etc

E.F. – E te lembra da faixa etária das crianças?

L.W. – Olha, devia de ser até treze anos. Porque, os que tinham mais, eram separados. E os maiorzinhos...

E.F. – Auxiliavam os menores...

L.W. – Não. Porque as crianças menores não gostavam de ser auxiliadas pelos maiores. Então, quando eles iam, eles eram os mais importantes. Não era uma coisa tão lúdica, mas sim de mais responsabilidade. Eles aprendiam a fazer S.O.S., primeiros socorros e também o código Morse. Batíamos palmas [a entrevistada faz os sons com a palma das mãos] como socorro e gritar como socorro também. Um grito acompanhado de pausas. Mas principalmente o S.O.S, pois era o mais importante [riso] para a gente sobreviver. Ficávamos com medo porque era mato.

E.F. – Tu participavas das colônias de férias?

L.W. – De tudo. E o papai ia junto. E o que eu acho mais legal é que eu era paralela às crianças. Eu não tinha regalia alguma. Beber, comer, dormir, era tudo igual.

E.F. – E tua mãe não participava?

L.W. – Não. Porque ela ficava em casa...

E.F. – Mas te liberavas para participar?

L.W. – Sim. Inclusive, ela fazia umas coisas boas para levar. Eu fazia amigas, e depois chorava quando me despedia no final da colônia.

E.F. – Ficava quantos dias lá? Uma noite só?

L.W. – Não. De vez em quando, duas noites e até uma semana. Mas dependia muito da distância também... O que era maior eram quinze dias, mas fora de Porto Alegre.

E.F. – Tu tens ideia de que ano foi isso, de ficar na Serraria? Década de 1950?

L.W. – Antes. Acho que 1940 e poucos. Paralelo a isso, o papai já fazia as colônias de férias em Torres¹⁵, “Serra e Mar”. Eu me lembro que ele foi chamado pelo exército para não fazer no morro do Farol, lá em Torres, o “fogo do conselho”, porque se sabia que

haveria probabilidade de terem submarinos. E até levantaram a hipótese cretina que o papai, como era descendente de alemão, poderia fazer código Morse de fogo para o nazismo.

E.F. – Nós temos um belo perfil do professor Frederico pelas coisas que eu vi que ele escrevia, pelos sonhos dele. Ele acreditava que a Educação Física era um meio muito importante de construção da cidadania, do sujeito, de prevenção da delinquência juvenil, da questão da saúde, da disciplina, que ele acreditava que fosse um ponto importante para as crianças se desenvolverem. Ele tinha um lado brincalhão e afetivo de chamar todas as crianças de “macacada”.

L.W. – Sim. Já como chefe do Serviço de Recreação Pública, volta e meia ele checava os locais e eu ia junto. Ele tinha uma camionete nesta época à disposição dele.

E.F. – Uma camionete Rural Willys?

L.W. – Exatamente, uma Rural Willys Mil [riso]. Então, ele ia no mercado, eu acho, e comprava cachos de bananas. Isso eu me lembro. Nós entrávamos logo no começo vila – não me lembro em que ano e local -, era perto dos cemitérios. Naquela rua dos cemitérios tinha uma vila com casas. Então, ele chamava todas as crianças que vinham e o agarravam pelo pescoço e lhe davam beijos. Ele distribuía bananas para todo mundo.

E.F. – Mas esses lugares tinham praças com serviços de recreação?

L.W. – Não. Ele justamente estava pleiteando para ver se poderia colocar centros comunitários.

E.F. – Em alguns documentos o professor idealizou a construção de praças próximas das escolas públicas, em locais carentes para que as crianças tivessem acesso. Então, muitas das praças de Porto Alegre ficaram mais ou menos perto das escolas públicas para que as crianças pudessem ter um local de recreação e lazer. A praça Garibaldi foi construída exatamente para fazer um centro de recreação e lazer, porque era um local de muita violência, já, naquela época, a conhecida como “Ilhota”.

¹⁵ Cidade litorânea do Rio Grande do Sul.

L.W. – Sim. Isso. Eu me lembro que a praça Garibaldi e a outra, que fica no Partenon¹⁶, Jayme Telles, eram em locais mais pobres. Era uma coisa de violência tremenda. O papai ia tardinha e eu ia junto, para ver se estava sendo bem fechado. Tinha um vigia. Havia vandalismo, quebravam tudo. Meu pai tinha um vínculo muito grande de afeto com as crianças das comunidades, Outra coisa que foi muito interessante, que numa ocasião ele ficou radiante e veio para casa com uma felicidade tremenda, é que, dentro do município, todas as escolas, todos os centros comunitários, fizeram uma concurso entre as crianças para escrever uma redação: quem as crianças gostariam de ser quando crescessem. Sabe para quem ele perdeu? Somente para o Pelé. Todo mundo queria ser ou ele ou o Pelé.

E.F. – Ele era conhecido por Gaelzer mesmo? Como chamavam ele?

L.W. – Professor. E ele dando banana. Ele dizia que tinha que ter um referencial, porque “Gaelzer” as crianças não iriam saber. Então, “o professor que dava banana, que dava beliscão e fazia mimo na cabeça, perguntava se comia verduras e tomava leite”. Os olhos brilhavam quando viam ele. Era uma coisa muito bonita. Ele beliscava, apertava e dava muito “abraço de urso” que chegava a estalar a coluna. As crianças ficavam radiantes com esses estalos porque elas nunca haviam sentido

E.F. – Acho que ele tem isso escrito, o amor pelas crianças e pela comunidade..

L.W. – Ele tinha essa filosofia. Ele disse que a criança sente o afeto pela sua pureza. A criança não sabe fazer uma triagem dos sentimentos que o adulto tem: de raiva, de rancor, desconfiança. A criança é pura. É rara a criança que mente. Ela é autêntica, diz o que sente. Então, tu tens que respeitar muito a criança. E isso ele dava ênfase para todo mundo. O que a criança estava sentido, suas ambições, o que ela gostaria de ser quando grande...

E.F. – Tu lembra de alguns nomes de companheiros do teu pai?

L.W. – Jaime Coral¹⁷. Eu me lembro de um que foi muito chegado a nós, a nossa família, que foi o Joaber Pereira¹⁸, o Fredolino¹⁹...

¹⁶ Bairro de Porto Alegre.

¹⁷ Nome sujeito à confirmação.

E.F. – Ele trabalhava na prefeitura também?

L.W. – Sim. Fredolino...

E.F. – Fredolino... Não sabe de que?

L.W. – Não me lembro, mas é um nome bem alemão. Um outro era o Osvaldo²⁰ que eu também não me lembro do sobrenome, era alemão.

L.W. – Outra pessoa que eu me lembro era a chefe do Departamento que fazia parte da Biblioteconomia do Serviço de Recreação Pública.

E.F. – Eu li no relatório que a biblioteca circulava pelas praças e as crianças podiam ler...

L.W. – Exatamente. Elas podiam tirar livros, levar trabalhos para casa, porque tinham orientadoras...

E.F. – Tu lembra o nome da bibliotecária?

L.W. – Eu posso descobrir. Eu lembro do rosto dela, mas não me lembro do nome. Outras pessoas bastante importantes [silêncio]... Bom, essas pessoas que deram crédito a ele, que o ajudaram, foram também o Loureiro da Silva e o Alberto Bins.

E.F. – Ele entrou no governo do Otávio Rocha que aceitou e instituiu o serviço.

L.W. – Sim, mas os outros também, a partir daí, também colaboraram como Coelho de Souza...

E.F. – Deram crédito então, o próprio Prefeito Otávio Rocha... Quem mais que tu te lembra? Coelho...

¹⁸ Nome sujeito à confirmação.

¹⁹ Fredolino Adalberto Ricardo Taube.

L.W. – Isso eu me lembro direitinho que ele era Secretário de Educação. O Loureiro da Silva eu me lembro que até em churrascos da prefeitura, aniversários do serviço de recreação pública, festividades, ele ia.

E.F. – Pereira Neto parece que era um grande amigo do teu pai...

L.W. – [silêncio]... Nesse meio tempo todo, o papai foi inspetor de educação do estado. Tinha a professora Nair... [silêncio] Também não me lembro do sobrenome [silêncio]. Porque eu era bem mais moça e as pessoas adultas não tinham muito significado para mim. Outra pessoa que deu muito, aí já em âmbito do Brasil todo, que tinha muita consideração ao papai, é o professor Inezil Penna Marinho. O papai tinha ele como muito chegado. Qualquer seminário, alguma coisa de peso aqui no Rio Grande do Sul, eu me lembro que o papai o convidava. Bom, todas diretoras municipais eram pessoas que admiravam muito ele.

E.F. – Ele tinha uma relação legal com os funcionários?

L.W. – Sim. De ser padrinho de casamento de tudo que é funcionário.

E.F. – Tem mais alguma coisa que tu queira falar? Tu chegastes a frequentar algum jardim de infância de praça?

L.W. – Não. Só frequentava esporadicamente com ele, ia e eu desfrutava de todos os brinquedos, entrava na brincadeira. Agora, o meu sobrinho, filho da Lênea, sim. Foi o primeiro da família a frequentar o jardim de infância da Praça Dr. José Montaury²¹.

E.F. – 1956 por aí...

L.W. – É. 1954, 1955, 1956. O papai gostava de todo o trabalho. Para ele, eu sentia – pode ser que eu esteja enganada – a “menina dos olhos” dele era o Parque Tenístico, na Praça Dr José Montaury. Ele adorava porque jamais uma pessoa teria conseguido aproveitar um

²⁰ Nome sujeito à confirmação.

²¹ Parque Tenístico José Montaury.

espaço livre como era aquele para fazer canchas públicas de tênis. Naquela época, tênis era a elite...

E.F. - Continua sendo.

L.W. – Sim, mas aqui em Porto Alegre são poucas as pessoas que tem o privilégio de poder jogar tênis gratuitamente, a não ser no parque tenístico. Então, continua sendo o tênis um esporte elitista. Meu pai se sentiu muito privilegiado, muito feliz, por proporcionar às pessoas o jogo e o treinamento do tênis. No Parque Tenístico havia a possibilidade de empréstimo de raquetes, bolas, e aluguel de uniformes brancos adequados para jogar, porque muitas pessoas que não tinham condições de comprar. Naquela época o usual era jogar tênis de branco. Havia uma pessoa que era amiguíssima do papai que eu gostaria que tu colocasse. Era um “instrutor” conhecidíssimo em Porto Alegre, pela peculiaridade de vida. Chamava-se Leonel Medeiros. O que ele apreciava mais era patins. Ele patinava maravilhosamente bem e jogava muito bem tênis. Era filho de uma senhora que tinha uma posição muito influente, em Porto Alegre, da família Medeiros. Aí o papai deu uns livros de espanhol para ele. Quando papai soube que ele jogava tênis e gostava de patins, perguntou: “Escuta Medeiros, tu não queres trabalhar na prefeitura?”, “mas como professor?”, “sendo o orientador do parque tenístico”. Ele ficou realizado. A vida dele era o parque Tenístico. Ele comia, dormia Parque Tenístico. Eu não sei se também essa amizade com o papai ficou muito maior pelos interesses dos dois serem tão grandes. Os dois ficavam tão embevecidos com o parque, porque, além de ser muito bem construído, era muito bem cuidado e bonito. O papai sempre teve o esporte dele. Nadava, jogava golfe e usufruiu da vida, até morrer. Ele morreu jogando golfe!

E.F. - O professor chegou a trabalhar com a terceira idade?

L.W. - Não. O papai sempre ressaltava que a pessoa tinha que se preparar para a aposentadoria, para não entrar em depressão, ser útil e conviver com novas pessoas. Ele apenas influenciou a carreira da minha irmã, Lêneia, a dar continuidade ao seu trabalho na área de atuação da recreação e lazer. A Lêneia estudou, trabalhou, foi reconhecida nacionalmente e internacionalmente nestes temas. Teve uma grande preocupação com a o lazer, em todas as fases da vida, como na aposentadoria e terceira idade, deixando várias

publicações. Foi professora da Escola de Educação Física da UFRGS, da graduação e pós-graduação, sempre voltada para os estudos de Lazer.

E.F. – O professor faleceu com quantos anos?

L.W. – Setenta e seis, por embolia pulmonar.

E.F. – O Professor era aventureiro pelas dimensões que ele alcançava, já naquela época! Considero até hoje seus princípios de Recreação Pública absolutamente válidos e pertinentes para a nossa sociedade.

L.W. – Concordo! Dizia meu pai: “Aventurar-se causa ansiedade. Mas deixar de arriscar-se é perder a si mesmo”.

[FINAL DO DEPOIMENTO]